

**DESENHANDO VIVÊNCIAS:
DESENHOS DE UM BAIRRO SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DA
INFÂNCIA**

**DRAWING EXPERIENCES:
DRAWINGS OF A NEIGHBORHOOD FROM THE PERSPECTIVE OF THE
GEOGRAPHY OF CHILDHOOD**

67

Carla Cristiane Nunes Nascimento
Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professora da
Faculdade Metodista Granbery/Juiz de Fora-MG
carlacrisnunes@gmail.com

Júlio César Suzuki
Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor-
Pesquisador da Universidade de São Paulo. Correio eletrônico
jcsuzuki@usp.br

Resumo: A Sociologia e a Antropologia da Infância já vinham sinalizando que as crianças são protagonistas e participantes da vida em sociedade e, coerentemente, estas também deveriam ser assim consideradas nas pesquisas que as envolvem. Agora, a Geografia da Infância reforça estas mesmas defesas e colabora trazendo a perspectiva espacial/geográfica para essa arena. No presente texto, fazemos uma breve apresentação da Geografia da Infância destacando o diálogo já bem estabelecido deste campo de estudos com a chamada Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Lev Semionovitch Vigotski e seus colaboradores. Em seguida, mostramos algumas produções (desenhos e falas) de autoria de crianças moradoras do bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora-MG, a fim de defendermos o desenho como linguagem essencial à Geografia, que não pode ser subestimada, sobretudo para compreendermos melhor as vivências espaciais das crianças. E é a partir desses desenhos que demonstraremos o que vimos chamando de *Bairro-Vivência*, criação das crianças, que vai muito além do bairro político-administrativo delimitado pelo poder público e usufruído por outros entes.

Palavras-Chave: Geografia da Infância. Teoria Histórico-Cultural de Vigotski. Desenhos. *Bairro-Vivência*.

Abstract: Sociology and Anthropology of Childhood were already signaling that children are protagonists and participants in life in society and, coherently, it should also be so in the research that involves them. Now, the Geography of Childhood reinforces these same defenses and collaborates by bringing the spatial / geographical perspective to this arena. In this text, we make a brief presentation of the Geography of Childhood, highlighting the well-established dialogue in this field of studies with the so-called Historical-Cultural Theory, developed by Lev Semionovitch

Vigotski and his collaborators. Then, we show some productions (drawings and speeches) authored by children living in the Dom Bosco neighborhood, in Juiz de Fora-MG, in order to defend drawing as an essential language to Geography, which cannot be underestimated, especially to better understand children's spatial experiences. And it is from these drawings that we will demonstrate what we have been calling “*Bairro-Vivência*”, a children's creation that goes far beyond the political-administrative neighborhood delimited by the public authorities and enjoyed by other entities.

Keywords: Geography of Childhood. Historical-Cultural Theory of Vygotsky. Drawings. ‘*Bairro-Vivência*’.

INTRODUÇÃO

A era do pós-desenho já foi aludida? Fato é que a era do “pós-tudo” vem sendo anunciada e denunciada. A tecnologização exacerbada é um dos contributos..., veste tudo de obsoleto. Ver crianças com papel, lápis, giz de cera é algo encerrado a uma época, para não mais voltar? E a Geografia, que já se utilizou amplamente do desenho, deixará essa linguagem esquecida?

E o que dizer do bairro? Será que vivemos no “pós-bairro” e já seria impossível a Geografia tratar de tal conceito considerando os rearranjos da sociedade hodierna?¹

O presente artigo se propõe a introduzir essas questões e é integrante de um trabalho mais amplo de pesquisa². Foi com vinte crianças, entre oito e doze anos, moradoras do bairro Dom Bosco, município de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, com seus desenhos e com suas falas, que fomos compreendendo a importância e a força do desenho como linguagem, vivo nessa alvorada do século XXI, capaz de comunicar ideias e de nos despertar a repensar conceitos antigos e até mesmo de (re)criá-los.

Nosso trabalho alinha-se teórico-metodologicamente a um campo de estudos com movimento ascendente no Brasil que vem se tornando conhecido como

¹ Uma discussão mais aprofundada disso encontra-se em NUNES NASCIMENTO, Carla Cristiane; SUZUKI, Júlio César. A reafirmação do bairro na Geografia do século XXI: o “Bairro-Vivência” de crianças moradoras do Dom Bosco em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. **Meridiano** - Revista de Geografia, Buenos Aires: Centro de Estudios Alexander von Humboldt, n. 5, p. 51-70, 2016. Disponible en: <<http://www.revistameridiano.org/n5/03/>>.

² Tese de doutorado defendida em 2017 pela primeira autora sob orientação do segundo autor, na Universidade de São Paulo/ USP, com o título “Geografia da Infância e *Bairro-Vivência* das Crianças Moradoras do bairro Dom Bosco em Juiz de Fora/MG, na Aurora do Século XXI”.

“Geografia da Infância”. Em linhas gerais, podemos afirmar que o cerne deste campo de estudos é analisar as vivências geográficas das crianças, que são também, em unidade, vivências históricas e culturais.

A Sociologia e a Antropologia da Infância já vinham sinalizando que as crianças são protagonistas e participantes da vida em sociedade e, coerentemente, estas também deveriam ser assim consideradas nas pesquisas que as envolvem (MARTINS, 1993; MARTINS 2009; FERNANDES, 2004; PINTO, 1999; SARMENTO, 2005; SARMENTO, FERNANDES e TOMÁS, 2007; QVORTRUP 2010a, 2010b). Agora, a Geografia da Infância reforça estas mesmas defesas e colabora trazendo a perspectiva espacial/geográfica para essa arena.

No trabalho que aqui expomos, num primeiro momento, faremos uma breve apresentação da Geografia da Infância destacando o diálogo já bem estabelecido desta com a chamada Teoria Histórico-Cultural desenvolvida por Lev Vigotski e seus colaboradores. Oportunizaremos, assim, aos leitores não familiarizados a esse campo de estudos ainda novo em nosso país, uma breve introdução aos pressupostos da Geografia da Infância no mundo e no Brasil.

No momento seguinte, mostraremos algumas produções (desenhos e falas) de autoria de crianças moradoras do bairro Dom Bosco. Daí, defenderemos o desenho como linguagem essencial à Geografia, que não pode ser subestimada, sobretudo para compreendermos melhor as vivências espaciais das crianças. Ainda, demonstraremos o que vimos chamando de *Bairro-Vivência*, criação das crianças, que vai muito além do bairro político-administrativo delimitado pelo poder público.

I A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI

A *Geografia da Infância* inicia seu processo de consolidação no Brasil, como um campo de pesquisa e objeto de grupos de estudo, no início do presente século. Jader Janer Moreira Lopes, pesquisador das interfaces entre a Geografia e a Educação, há quase duas décadas, tem se voltado especificamente aos estudos da infância, inaugurando no Brasil - junto a outros pesquisadores brasileiros e em contato intenso com pesquisadores de outros países - o campo de estudos que vem

sendo chamado de Geografia da Infância, como pode ser verificado, por exemplo, em Lopes e Vasconcelos (2005).

Essa obra introdutória de 2005 é um marco importante do início dos debates de Geografia da Infância no Brasil. Manuel Jacinto Sarmiento, do Instituto de Estudos da Criança, da Universidade do Minho, ao prefaciar a obra, indica a relevância da mesma e a sua filiação aos estudos da infância no plano internacional, ao mesmo tempo que constata a raridade de interlocutores da Geografia da Infância no mundo (SARMENTO, 2005).

Por que uma *Geografia da Infância*?³

[...] o processo de humanização, de ser e estar envolve também a dimensão da espacialidade e não apenas da temporalidade como se tem apregoado no discurso da modernidade. É, exatamente, essa possibilidade de vivência espacial que nos permite falar em uma Geografia da Infância.

A Geografia da Infância busca olhar para as crianças e suas infâncias através do espaço geográfico e das expressões espaciais que dele se desdobram, tais como: paisagem, o território, o lugar e outras, mas é também o desejo de compreender as geografias das crianças, suas expressivas potências nas formas de vivenciarem, organizarem e construir o espaço da sociedade e de seu mundo vividos.

A Geografia da Infância reconhece que as crianças possuem uma linguagem espacial própria, uma memória espacial, uma vivência espacial, que difere da vivência dos adultos, mas contextualizadas em seu meio e em constante unidade e interface com a sociedade e a cultura. Difere-se dos tradicionais estudos que se firmaram no campo da Geografia, que reconhecem que a relações espaciais das crianças se dá de forma gradativa e se estendem de um centro para a periferia (Lopes, 2007; Hannoun, 1977), deslocado de seus contextos [...] (LOPES. No prelo).

Em seu nascimento, estreitamente vinculada à Geografia Humanista, a Geografia da Infância apresentará, em seus primeiros trabalhos, grande influência de Jean Piaget e de Yi-Fu-Tuan. Armand Frémont e Kevin Lynch também se destacaram, nessa primeira fase, como influências intelectuais importantes (LOPES, 2013).

Esse campo de estudos, tradicionalmente nomeado pela literatura anglo-saxônica como *Geography of Children* [...] herdou desses autores a relação afetiva com os espaços, a partir do conceito de

³ Lopes (no prelo) afirma que a literatura anglo-saxônica nomeia este campo de estudos como *Geography of Children* (Geografia das Crianças).

Topofilia cunhado por Tuan [...], de espaço vivido trazido por Fremont [...], dos mapas mentais como metodologia de representação dinamizado a partir dos estudos de Lynch [...] e as condições topológicas, projetivas e euclidianas forjadas por Piaget [...] (LOPES, no prelo, s/p).

No Brasil, todavia, desde o estabelecimento da Geografia da Infância, outros referenciais mundiais tem ganhado centralidade. William Corsaro, Manuel Sarmiento, Manuel Pinto, Jens Qvortrup, renomados sociólogos da infância, tem contribuído tanto para a compreensão da infância como sociedade juntamente com todas as demais categorias geracionais, bem como para o entendimento de que há múltiplas infâncias presentes no mundo.

Numa breve busca acerca dos estudos mais atuais em Geografia da Infância poderá se perceber, contudo, que o principal diálogo que vem sendo estabelecido é com a Teoria Histórico-cultural de Lev Vigotski e de seus colaboradores.⁴ Pesquisadores brasileiros vem se empenhando em estudar este intelectual e seus conceitos-chave, revisitando-os (DUARTE, 2001; PRESTES, 2010) e os pesquisadores da Geografia da Infância, sem dúvida, fazem parte desse grupo.

A partir da teoria do desenvolvimento humano proposto por Vigotski, geógrafos e não-geógrafos de formação tem desenvolvido novos olhares acerca das infâncias e de suas espacialidades/geograficidades.

Um conceito trazido por Vigotski e que tem sido muito apropriado pelos diversos pesquisadores (professores, pedagogos, psicólogos, educadores físicos etc) da Geografia da Infância é o conceito de Vivência. Vivência é uma possibilidade de tradução à palavra russa *Perejivanie*, empregada por Vigotski (DELARI JR, 2009), e, possivelmente, a mais apropriada (PRESTES, 2010). A Vivência é, em Vigotski, a unidade entre a criança e o meio. Ao mesmo tempo, inseparavelmente, na unidade, leva-se em conta a criança com seu desenvolvimento e o meio ofertado, e ainda a interpretação que a criança faz desse meio.

Tendo um importante diálogo com o pensamento de Vigotski, a Geografia da Infância passa a considerar que se o meio (geográfico inclusive) influencia o ser humano, este, por sua vez age sobre o meio e cria o novo, criando, assim, um novo meio para a sua existência.

⁴ Especialmente, Aleksandr Romanovitch Luria e Aleksei Nikolaievitch Leontiev.

Vigotski (2010) indica que se meio/criança são uma unidade, logo não existe a supremacia de um sobre o outro ou uma influência unilateral. Consideremos: A criança ao nascer, ela nasce biologicamente e socialmente, concomitantemente. Seu próprio nascimento já tem um significado no meio que ela chega. E ela chega a um meio que é concreto, material, histórico, geográfico, semiótico, cultural, produzido nas relações, mas, ao mesmo tempo que ela enraíza este meio ofertado, ela também responde ao meio com algo, interpretando-o com novas combinações, criando sobre bases pré-existentes – a criação humana depende de algo anterior, dado que somos seres históricos.

Mas, e quando o meio parece tão hostil e suficientemente empobrecido a ponto de parecer que não é possível ser criança nele? E quando o meio parece ser apenas um bairro em que há casas que medem cerca de 6m² e abrigam oito pessoas? ⁵

II DESENHOS⁶ E *BAIRRO-VIVÊNCIA*

Emílio⁷, de 10 anos de idade, foi o primeiro participante a iniciar seu desenho do bairro Dom Bosco. Além de outros elementos, o menino desenhou uma escola que, segundo suas palavras, era a paisagem que ele conseguia avistar de sua casa. A escola, administrativamente, localiza-se no bairro Santa Cecília, mas, teve centralidade no desenho de Emílio e na conversa estabelecida. Emílio, logo que desenhou a escola, espontaneamente nos alertou com um “não assusta não” e nos levou ao lado de fora de sua casa para vermos a escola que fazia parte de *seu* Dom Bosco.

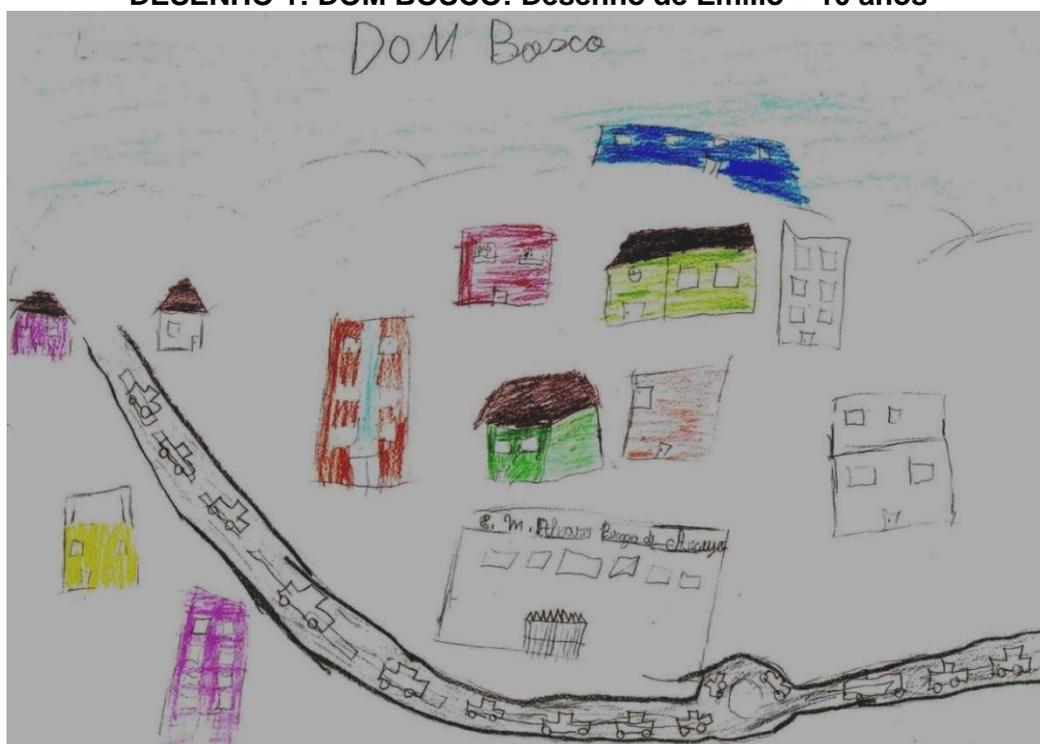
⁵ Acerca das condições materiais de existência do bairro Dom Bosco, ver mais em NASCIMENTO, Carla Cristiane Nunes. **Geografia da infância e Bairro-vivência das crianças moradoras do bairro Dom Bosco em Juiz de Fora/MG, na aurora do século XXI**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

⁶ Nos limites do presente artigo, apresentaremos apenas dois desenhos.

⁷ Após muito considerar o assunto, decidimos pelo uso de nomes fictícios. Sobre usar ou não os nomes reais das crianças em pesquisas, ver a interessante contribuição de KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: algumas questões éticas relativas à prática de pesquisa com crianças. In: MONTEIRO, R.A.; FICHINER, B.; FREITAS, M.T.A. (orgs.). **Crianças e Adolescentes em Perspectiva: A ótica das abordagens qualitativas**. Juiz de Fora: Feme, 2002 b. [cd rom].

O protagonismo e a participação das crianças, seres plenos, sujeitos da sociedade, formando-a e por ela sendo formados dialeticamente (SARMENTO, 2005; QVORTRUP, 2011), era algo que queríamos defender. E a cada encontro com as crianças participantes era mais notório que a questão inicial que nos levou ao bairro estava sendo modificada a partir dos desenhos. Queríamos saber, a princípio, como era morar naquele bairro que acreditávamos conhecer tão bem, mas, o que nos fez permanecer no bairro foi uma nova dúvida: o que era o bairro na perspectiva das crianças moradoras do Dom Bosco? O desenho de Emílio nos despertou para essa pergunta que não estávamos fazendo...

DESENHO 1: DOM BOSCO: Desenho de Emílio – 10 anos



Emílio começou seu desenho com alguns morros e, num desses morros, desenhou uma construção que, imediatamente, fez questão de explicá-la. Ele nos disse “**Não se preocupa não**”, largou o desenho e nos chamou para o lado de fora da casa. Daí continuou: “**É a paisagem que vejo daqui**” e mostrou uma escola localizada no bairro Santa Cecília, a qual, posteriormente, ele pintou toda de azul mais escuro, contrastando com o azul mais claro com que pintou os morros.

FOTOGRAFIA 1: Rua Borda da Mata e a escola azul do “Dom Bosco de Emílio”

Fotografia: Carla Cristiane Nunes Nascimento. 2014. Trabalho de campo.
Fonte: Arquivo da autora.

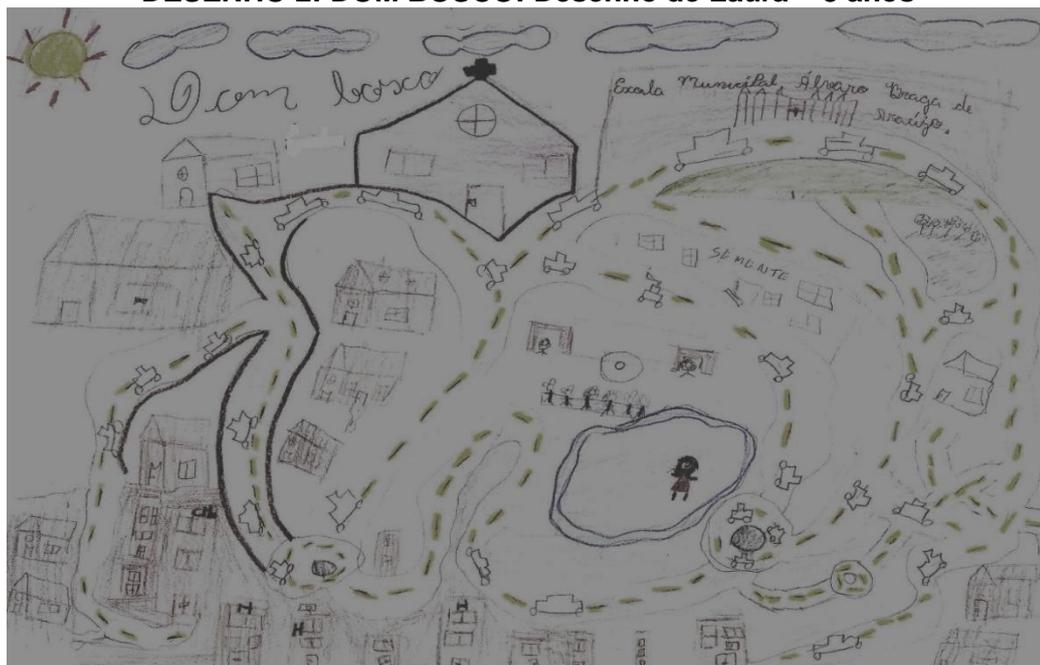
É importante dizer que quando esboçamos os caminhos metodológicos de nosso trabalho e elaboramos nosso instrumental, prevíamos estar com uma criança por vez e sempre em suas casas – esse seria o contexto de produção dos desenhos. Entretanto, diferente do que pretendíamos, outras crianças se achegavam e aconchegavam onde quer que estivéssemos fazendo a pesquisa, quer fosse na casa de outra criança ou nas ruas. Achegavam, aconchegavam e começavam a desenhar!

O estar juntos era um elemento fundamental. Tentamos separar as crianças no primeiro encontro e logo notamos que isso seria fabricar um contexto. As ruas, em todos nossos trabalhos de campo, estavam sempre repletas de crianças, sempre em grupos. Ruas muito íngremes eram transformadas em campos de futebol e o espaço era compartilhado com o fluxo intenso dos veículos, que, há alguns anos, começou a fazer parte da realidade do bairro. As casas que visitamos, da mesma forma, sempre estavam cheias de pessoas, familiares e agregados, que com muita liberdade transitavam pelos cômodos. Algo estranho para nós e familiar para eles.

A casa de Emílio foi um desses contextos de pesquisa distintos do que havíamos previsto. Lá também estavam Laura e muitas outras crianças. Laura, de 8 anos e irmã de Emílio, foi a primeira a opinar sobre o desenho do irmão, dizendo “o Dom Bosco não é assim”. Logo logo estava ela desenhando o *seu* Dom Bosco, juntamente com outras crianças que a acompanhavam, enchendo a pequenina sala.

75

DESENHO 2: DOM BOSCO: Desenho de Laura – 8 anos



Apontamos para onde havia o desenho de uma menina de vestido vermelho e perguntamos quem era. Laura respondeu que era ela em sua piscina: **“Ela não existe, mas vou ganhar de presente de minha mãe”**.

A partir dos desenhos e falas das crianças e do conceito de Vivência como unidade criança/meio, apresentado por Vigotski, alguns novos bairros Dom Bosco se desvelam para nós no encontro com as crianças. Os espaços ofertados, os bairros conceituais, não dão conta de seres humanos que se constituem no/pelo/com o espaço.

O *Bairro-Vivência* foi o conceito que construímos e que cremos responder o que é o bairro Dom Bosco para as crianças que o habitam, mas, ele também é uma tática, uma forma de usar o espaço onde falta espaço: alargando a fronteira do bairro se vivencia muito além do que é possível nos espaços ofertados! É necessário um exercício de nossa parte no sentido de usar a ciência para refazer categorias, conceitos e instrumentos de análise da Geografia, o que é essencial também para

rever a cidade, pensar seu planejamento, torná-la, de fato, um direito sem discriminações, em diálogo estreito com sujeitos, historicamente, tão amplamente negligenciados, quase sempre, pela ciência em geral: as crianças. A propósito: e se o próprio desenho for um caminho para essas desejáveis transformações?

III O BAIRRO-VIVÊNCIA É BEM MAIOR... NO DESENHO E NA VIVÊNCIA!

76

FOTOGRAFIA 2: Apropriação: “Tarde Quente na ‘Piscina’ - Lago da UFJF⁸”



Fotografia: Clériston Nascimento. 2012. Trabalho de Campo.
Fonte: Arquivo da autora.

Mariana, uma outra criança, desenha e nos diz: “De vez em quando tá calor, aí os menino vai passear , aí eles ficam bem nadando na represa.”

“Na represa? Onde é a represa?” [perguntamos]

Outras crianças: “Lá perto dos Bombeiros.”

“No lago? Na represa? Quem faz isso?” [perguntamos]

Crianças: “Os meninos.”

Renato, que também estava ali se esquivava: “Tirando eu.”

Crianças: “Quando ta calor nós vai lá!”

Mariana: “É porque nós é pobre mesmo, não tem piscina, tem que nadar lá.”

“Mas lá ta escrito...” [interferimos]

Antes que terminássemos de falar, as crianças completaram em coro: “Proibido nadar e pescar”

E as crianças continuaram: “Sabe aquele negócio que tem lá, tipo uma gaiola lá no meio, aí os menino sobe na tábua e depois pulam na água.”

Outro completa: “Viram ‘mortal’”.

Nós insistimos no assunto das placas avisando sobre o perigo.

⁸ Universidade Federal de Juiz de Fora.
v. 10, n. 1, junho/2020

Uma das crianças respondeu nossa advertência: “*Tem piranha lá. Eu vi uma piranha.*”

FOTOGRAFIA 3: Caça à pipa perdida: Entrada de um menino morador do bairro Dom Bosco nas dependências do Complexo Hospitalar Monte Sinai.



Fotografia: Carla Cristiane Nunes Nascimento. Julho de 2015.
Fonte: Arquivo da autora.

Estávamos no hospital no momento do ocorrido. Como o menino conseguiu driblar a ostensiva segurança do hospital? Nós precisamos de nos identificar para entrar, além de mostrarmos guia para um exame. Além de fotografarmos, ficamos observando o garoto sair. Ninguém mais o viu. Em sua saída, tendo na mão uma lata com linha enrolada em seu exterior, o interpelamos. Ele conversou rápido conosco porque seus amigos estavam esperando-o no ‘Chapadão’ – localidade no interior do bairro, onde soltavam pipas e papagaios no momento. Ele disse que uma pipa tinha caído no Hospital e ele havia ido buscar. Perguntamos se a busca tinha tido sucesso, ele disse que não, apontou sua casa no ‘Chapadão’ e foi-se correndo encontrar os amigos (Nota da Pesquisadora).

Abrimos essa última seção com algumas fotografias que fizemos durante nossos anos de estudo e também com fragmentos de algumas notas de campo para demonstrar o que estamos chamando de *Bairro-Vivência*. Compreendemos que o Bairro-Vivência é a resposta das crianças que se apropriam do bairro, de suas formas, e o expandem, com muita criação e imaginação, para longe da fronteira político-administrativa e dos ditames da iniciativa privada. Depreendemos que uma produção contínua da unidade criança/meio se estabelece: as crianças estão/são

do/no espaço urbano, mas, dialeticamente, o espaço urbano está/é das/nas crianças.



78

Debruçando-nos sobre o que as crianças nos trouxeram em seus desenhos e em suas falas e nos esforçando para, como geógrafos, vermos para além da “criança diante do bairro”, “diante do meio”, é que criamos o conceito de *Bairro-Vivência* como uma resposta à nossa questão. Portanto, o bairro Dom Bosco NAS/DAS/COM AS - e não apenas PARA AS - crianças é o *Bairro-Vivência*.

O *Bairro-Vivência* é o bairro ofertado: entendido como o bairro político-administrativo, com algumas fronteiras visíveis, mas, outras invisíveis, e todas extremamente sensíveis. Bairro que nem tudo é de todos e está acessível a todos. Bairro de misérias patentes que olha para a fartura material em todo seu entorno. Bairro onde falta espaço para o brincar, para o lazer. E, inseparavelmente, dialeticamente, é também o bairro apropriado/criado: compreendido como o bairro que se expande para além do bairro político-administrativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que inicialmente nos levou ao bairro Dom Bosco e nos fez dar os primeiros contornos de nossa pesquisa centrava-se em como era morar em um bairro extremamente empobrecido, cercado de todos os lados por construções de elevado custo, na perspectiva de crianças moradoras desse bairro.

O nosso enfoque, assim, era a partir de desenhos produzidos por crianças moradoras e das conversas estabelecidas com elas, descobrir como era para elas morar naquele bairro afetado sensivelmente por uma reestruturação capitalista do espaço, acirrada a partir da década de 1990, e que trouxe mudanças significativa no bairro e em seu entorno.

A região de Juiz de Fora onde o bairro Dom Bosco está localizado tornou-se uma das mais dinâmicas da cidade, recebendo investimentos imobiliários para atender a um público de elevado padrão econômico. A maior área de lazer pública, como a *Curva do Lacet*, que historicamente exibia a presença dos moradores do bairro Dom Bosco, foi simplesmente extinta. Essa área, antes conhecida pelos campeonatos de futebol de várzea, recebeu ondulações e ganhou um novo “uso” com a instalação do *Shopping Independência*. O bairro Dom Bosco, como já assinalavam documentos produzidos pelo poder público, permaneceu como Área de Especial Interesse Social (AEIS) na nomenclatura do *Plano Diretor* (Juiz de Fora, 2004) e como Microárea de Exclusão Social (MAES), conforme o *Atlas Social de Juiz de Fora* (Juiz de Fora, 2006), sendo, assim, um bairro de ausências relativas a infra-estruturas mínimas de habitabilidade.

Diante do material que tivemos acesso inicialmente, as delimitações físicas do bairro ou o bairro político-administrativo não era uma questão, não era uma dúvida, tínhamos naturalizado e delimitado o que era o bairro Dom Bosco *a priori*.

Aconteceu que desde nossa primeira experiência de fato com desenhos e falas das crianças, começou a delinear-se que nossa noção do que era o bairro diferia da delas. O que também não era totalmente uma novidade. Conforme Teixeira e Machado (1986), os bairros há muito guardam esta dicotomia. Em muitas situações de demarcação de bairros, parte da população é consultada a fim de se chegar a um acordo, porque as noções dos limites de um bairro variam de grupo para grupo, e, complexificando ainda mais a delimitação, até de pessoa para pessoa.

Entretanto, o que começamos a perceber é que o bairro não era apenas muito diferente daquele definido nos documentos. Às vezes, era irreconhecível. Os desenhos e as falas traziam elementos muito distantes (para nós), elementos de outros bairros, de outras realidades, incluindo também, na maioria dos casos, a imaginação. Imaginação que, em nosso entender, juntamente com Vigotski (2009), não se dá isolada, mas sempre unida às condições materiais concretas de existência.

O Bairro-Ausências encontra-se, funde-se com o bairro apropriado pelas crianças com suas próprias lógicas de definição do bairro. Transformação! Nem o

bairro ausências nem o apropriado, mas, o entre, o novo que surge. O Bairro-Vivência é, enfim, onde a criação do novo acontece, numa reelaboração criadora (VIGOTSKI, 2009). O *Bairro-Vivência* é o bairro que só é possível na unidade criança/meio, quando o bairro são as crianças e as crianças são o bairro, um produzindo o outro dialeticamente, continuamente.

REFERÊNCIAS

DELARI JÚNIOR, Achilles. Nota de rodapé - Tradução instrumental para fins didáticos: VIGOTSKI, L. S. A crise dos sete anos. 2009. Traduzido de: VIGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. *Obras escogidas*. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006. p. 377-386.

DUARTE, Newton. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JUIZ DE FORA. *Plano Diretor de Desenvolvimento de Juiz de Fora – Diagnóstico*. Juiz de Fora, 2004.

JUIZ DE FORA. *Atlas Social – Juiz de Fora: diagnóstico*. Juiz de Fora, 2006.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: algumas questões éticas relativas à prática de pesquisa com crianças. In: MONTEIRO, R.A.; FICHINER, B.; FREITAS, M.T.A. (orgs.). *Crianças e Adolescentes em Perspectiva: A ótica das abordagens qualitativas*. Juiz de Fora: Feme, 2002 b. [cd rom].

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. *Geografia da Infância: Reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora: Feme, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira. A natureza geográfica do desenvolvimento humano. In: TUNES, Elizabeth (org.). *O fio tenso que une a psicologia à educação*. Brasília: UniCEUB, 2013 a.

_____. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v.22, n. 49q1, maio/ago 2013 b, pp. 283-294. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/qindex.php/educacaopublica/article/view>. Acesso em: ago 2015

_____. Geografia da Infância, Espaços Desacostumados e mapas vivenciais. [NO PRELO].

MARTINS, José de Souza. Regimar e seus amigos. A criança na luta pela terra e pela vida. In: MARTINS, José de Souza (coord). *O massacre dos inocentes*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

NASCIMENTO, Carla Cristiane Nunes. *Geografia da infância e Bairro-vivência das crianças moradoras do bairro Dom Bosco em Juiz de Fora/MG, na aurora do século XXI*. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NUNES NASCIMENTO, Carla Cristiane; SUZUKI, Júlio César. A reafirmação do bairro na Geografia do século XXI: o “Bairro-Vivência” de crianças moradoras do Dom Bosco em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. *Meridiano - Revista de Geografia*, Buenos Aires: Centro de Estudios Alexander von Humboldt, n. 5, p. 51-70, 2016. Disponible en: <<http://www.revistameridiano.org/n5/03/>>.

PINTO, Manuel. A Infância como Construção Social. In: Pinto, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga: Bezerra Editora, 1999.

PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil – Repercussões no campo educacional*. Brasília, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010a.

QVORTRUP, Jens. Infância e Política. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.141, p.777-792, set./dez. 2010b.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. *Proposições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. Políticas Públicas e Participação Infantil. *Educação, Sociedade e Culturas*. 2007, N.25, pp. 136-206.

TEIXEIRA, Marlene P. V.; MACHADO, Rosa Maria. Conceito de bairro: unidade popular ou técnica? *Anuário do Instituto de Geociências*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Imaginação e criação na infância*. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Trad. Márcia Pileggi. *Psicologia USP*, São Paulo, 21(4), p. 681-701, 2010.